
MARX, Karl. *Sobre o Suicídio*. São Paulo: Boitempo, 2006. 82 p.

Allan Kenji Seki¹

Um lançamento ocorrido no ano de 2006 merece nossa atenção por tratar de um tema, que nos passa quase sempre encoberto: o suicídio. Trata-se da edição de um texto pouco conhecido e pouco trabalhado de Marx no Brasil, especialmente entre os psicólogos: “Sobre o suicídio”, lançado pela Boitempo Editorial, com tradução de Rubens Enderle e Francisco Fontanella. O livro reúne dois artigos: o primeiro, intitulado “Um Marx insólito”, é de autoria de Michael Löwy e o segundo é a tradução do artigo “*Peuchet: vom Selbismord*”² (Peuchet: Sobre o suicídio), de Karl Marx.

Publicado pela primeira vez em janeiro de 1846, no *Gesellschaftsspiegel*, quando Marx permanecia exilado em Bruxelas, é uma peça bastante atípica no conjunto da obra de Marx. Trata-se na realidade de anotações feitas por Marx, durante a leitura das memórias de Jacques Peuchet e que, reunidos os excertos e acrescidos de notas para uma redação final – inseridas, é claro, nas coordenadas do seu próprio pensamento – resultam em um texto bastante coerente e conciso, que nos antecipava, já em suas poucas páginas, o cerne da crítica marxista amadurecida nos anos seguintes.

Este texto reforça a tese, a qual nós apoiamos, de que não há nenhuma cisão fundamental no desenvolvimento da obra de Marx, uma vez que já nos escritos de 1840 (incluindo esta peça, de 1846) estão presentes os elementos constitutivos essenciais da crítica marxista, e que não nos parecem ter sido abandonados ou ter incorrido em uma mudança de compromisso com a crítica que se constituía desde então.

Está presente neste texto um aspecto que consideramos fundamental para a compreensão da totalidade de sua obra. Trata-se do esforço desempenhado pelo autor no compromisso e engajamento com a crítica. É evidente por todo o texto a sensibilização e mobilização de Marx contra as opressões, em cada forma particular, que o modo de produção assume em cada forma específica. Não é – e aqui concordamos com Michel Löwy – o suicídio em si que chama a atenção de Marx neste trecho das Memórias de Peuchet, mas a crítica ao modo de produção da vida na sociedade burguesa, como uma formação absurda e sem coerência. Em síntese, interessa aqui para Marx, também, descrever como o fenômeno do suicídio, em sua unidade, inscreve-se dentro do processo de produção da vida material e participa do processo

geral de vida social; não como elemento exterior, mas como parte constituinte da vida regida pelo Capital.

Compromisso demonstrado pela coerência e pela organização do texto - que não nos poderia passar indiferente - tendo em vista que, desde as primeiras linhas, e mesmo na ordem com a qual aborda cada uma de suas conclusões sobre a relação entre os suicídios e as contradições do capital, inscreve-se no texto a rigorosa intencionalidade de Marx.

Exemplos disto não faltam neste texto. Já nas primeiras linhas, Marx não deixa passar ileso a crítica alemã. Faz isso de forma sutil, no tom característico de suas obras anteriores e posteriores: “A crítica francesa da sociedade tem, em parte, pelo menos a grande vantagem de ter apontado as contradições e os contra-sensos da vida moderna [...]” (MARX, 2006, p. 21). Assim também, não é por qualquer motivo a escolha de Jacques Peuchet, senão para desferir um duro golpe na pretensa crítica socialista alemã. Aqui aceitamos a proposição de que Marx se dirige à crítica em geral, mas em especial aos socialistas alemães, embora concordemos com Michel Löwy, em que essa crítica não é necessariamente dirigida à Moses Hess (também editor do *Gesellschaftsspiegel*). Faz sentido compreender que isto compõe o esforço de Marx por dar seguimento a crítica marxista que se constituía até o momento. Esforço já iniciado nas obras anteriores (*Crítica à filosofia do direito de Hegel*, 1843; *A questão judaica*, 1844; *Manuscritos econômico-filosóficos*, 1844; *A sagrada família*, 1845; *A ideologia alemã*, 1845-6) e que não poderia ser diferente nesta peça.

Também não poderíamos ser indiferentes ao tema escolhido: o suicídio, um fenômeno que facilmente poderia passar distante de nossas análises sobre os conflitos entre as relações sociais de produção e o desenvolvimento das forças produtivas, ficando marginalizado às hipóteses psicodinâmicas – que, com todo o prazer, cumpririam e cumprem seu papel explicativo e justificador, sempre dispostas a apontar para o sujeito e encontrar algo de errado em suas “mentes” ou em seu “caráter”.

Não é por acaso que Marx escolhe “o suicídio”: seu compromisso com a crítica é um compromisso vivo, um compromisso com a vida. A separação arbitrária entre a análise da vida privada e a análise da produção da vida em sociedade nunca constituíram pólos de antagonismos reais. No entanto, passados pouco mais de 160 anos da publicação deste texto, falta ainda à psicologia – entre outras – aprender essa dura lição.

Também não por acaso, é confeccionada a ordem dos relatos que são apresentados no texto. São quatro casos incluídos no texto que tratam, os três primeiros, de mulheres que por razões diversas foram levadas a medidas extremas, e que acabam por revelar a vivência particular da opressão geral contra as mulheres na sociedade de classes.

Em resumo, o primeiro caso trata de uma jovem e seu noivo, que um dia antes da cerimônia de casamento acabam por ficar sozinhos e, apaixonados, desfrutam um do outro. O moralismo e a autoridade patriarcal levadas às últimas conseqüências culminam com o suicídio da jovem. No segundo caso, contam-se os sofrimentos de uma jovem esposa que, consumida pelos ciúmes do marido, já não suporta mais existir, afogando-se. Em seguida, no terceiro caso, uma jovem grávida de uma relação que a condenaria, recorre desesperada a um médico para que lhe auxilie com o aborto de uma gestação socialmente condenada; como este lhe recusa o atendimento, a jovem é encontrada morta dias depois. E no último caso relatado no texto, vê-se um homem já em meia idade, que após dedicar toda a sua vida a trabalhar, perde o emprego e, por vergonha e para poupar os gastos da família, suicida-se.

Em cada relato, Marx tece seus próprios argumentos, atrelados a uma narrativa espetacular que já lhe fora oferecida pelos excertos de Jacques Peuchet. Nas palavras de Löwy, o relato dos casos “[...] constituiu um protesto apaixonado contra o patriarcado, a sujeição das mulheres – incluídas as ‘burguesas’ – e a natureza opressiva da família burguesa” (in MARX, 2006, p. 19).

Marx e Peuchet fazem coro neste sentido, “[...] As pessoas mais covardes, as mais incapazes de se contrapor, tornam-se intolerantes assim que podem lançar mão de sua autoridade absoluta de pessoas mais velhas. O mau uso dessa autoridade é igualmente uma compensação grosseira para o servilismo e a subordinação aos quais essas pessoas estão submetidas, de bom ou de mau grado, na sociedade burguesa.” (MARX, 2006, p. 32).

Neste aspecto, entre os mais relevantes, devemos ressaltar o esforço empreendido por Marx em tratar da opressão contra as mulheres, seja pelo patriarcado já mencionado ou quando compara a posição da mulher na sociedade capitalista como a de qualquer propriedade privada. A crítica de Marx ganha dois sentidos, o primeiro em direção ao patriarcado e à tradição moral das famílias burguesas; o segundo, em direção ao direito. Se não se garante por força da ideologia a posição da mulher como mercadoria, por outro lado assegura-se isto por força da norma.

Por tudo isto, e por tantos outros aspectos que aqui não fizemos justiça, este pequeno texto de 1846 constitui-se de uma das peças mais relevantes para a compreensão da crítica marxista. Seu valor literário prova-se na leitura instigante e seu valor filosófico prova-se pela atualidade da análise.

Notas

¹ É aluno do curso de graduação em psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina e militante do Coletivo 21 de Junho. Email: allanknj@gmail.com

² "Peuchet: vom Selbstmord", *Gesellschafts Spiegel*, ano II, n. VII, Elberfeldt, janeiro de 1846